

O que é classe social para Lenira Carvalho?

Lenira Carvalho refletiu, ao longo de sua vida, sobre as classes sociais a partir da situação das trabalhadoras domésticas. As suas concepções foram muito influenciadas pelo marxismo e por sua atuação na Juventude Operária Católica. Ela defendia que pertencer a uma classe social está intimamente relacionado com o trabalho desempenhado por cada uma na sociedade. “Estar em uma classe” é, em suas palavras, realizar um “mesmo trabalho” e viver uma “mesma realidade”. Desse modo, o pertencimento de classe varia de acordo com o que fazemos no mercado de trabalho e com o que recebemos em troca, ou seja, situa a pessoa nas relações de produção.

Para Lenira, mesmo que nem sempre conscientes dos modos de exploração, as trabalhadoras domésticas – como quaisquer trabalhadoras – se situam em um subconjunto da sociedade que pode ser chamado de classe trabalhadora. Isso significa que, ao pertencer à categoria trabalhista das domésticas, Lenira pertencia à classe trabalhadora como um todo. Esse vínculo comum ocorre porque todas as trabalhadoras vivem em um “mundo de injustiçados na mão dos opressores”, ou seja, compartilham uma mesma situação de exploração no capitalismo.

Mesmo que haja muitos pontos em comum entre a vida das trabalhadoras domésticas e a de outras categorias, Lenira Carvalho menciona os “problemas das domésticas” para se referir a explorações e humilhações específicas a que as trabalhadoras estão submetidas nas casas de seus patrões e suas patroas. No trabalho dentro de uma casa, a luta de classes é vivenciada nas negociações sobre o horário de trabalho, nas funções a serem desempenhadas e nos modos de se comportar. Isso pode ocorrer de modo consciente ou inconsciente, mas é permanente. Um exemplo ilustrativo dos interesses conflitantes no ambiente doméstico são as longas jornadas de trabalho das domésticas sem horário para terminar.

Como conta Lenira, ao voltar das suas aulas à noite, ela aprendeu a “passar ao longo da casa e entrar nos quartos sem fazer nenhum barulho porque se me vissem acordada, mesmo à noite e depois de um dia inteiro de trabalho, os patrões eram capazes de me chamar para fazer algum serviço a mais”.

Quando o conflito é vivenciado individualmente, os patrões e as patroas concentram o poder e tendem a se recusar a ceder direitos. Há uma grande assimetria de poder que beneficia os patrões e as patroas. Por conta disso, Lenira Carvalho defendia que era preciso um processo de conscientização e organização para a luta pelos direitos das trabalhadoras. No caso das domésticas, ela identificou algumas dificuldades para isso acontecer. Dentre elas, está o fato de que muitas domésticas viviam na casa dos seus patrões e de suas patroas e, com isso, não tinham muitos pontos de encontro entre si e com outras categorias de trabalhadoras. Outro problema elencado é que as domésticas são alvo de um processo de desvalorização social que dificulta que elas assumam publicamente a sua própria identidade de trabalhadoras domésticas e as suas demandas. Há também a questão do seu local de trabalho ser uma propriedade privada, o que impede a fiscalização das condições de trabalho por parte do Estado e facilita o aprofundamento da precariedade.

Por fim, a luta de classes fica mais evidente e se acirra com a crescente organização das domésticas. Um marco importante nessa conquista foi a Constituição de 1988, pois, no momento seguinte, foram fundados sindicatos de domésticas em decorrência do reconhecimento da profissão como categoria trabalhista. Por entender que os sindicatos são representantes dos interesses de classe que fazem com que os conflitos interpessoais dentro das casas (ou de quaisquer locais de trabalho) se tornem conflitos mais coletivos, Lenira defendia a organização nessas instituições. Isso facilita a obtenção e a garantia de direitos trabalhistas.

Glossário

Classe social

O pensador alemão Karl Marx tem uma concepção dupla de classe social em sua obra. Em um sentido amplo, o termo é usado para identificar grandes grupos desiguais que disputam os recursos sociais. Em um sentido mais estrito, as classes sociais só existem no capitalismo e se dividem principalmente entre a burguesia, que concentra a propriedade dos meios de produção, e as trabalhadoras, que são exploradas ao serem obrigadas a vender a força de trabalho para sobreviver.

Classe em si e classe para si

Marx afirma que há uma diferença entre a classe como uma condição material determinada (classe em si) e a classe como um sujeito político consciente (classe para si). Isso significa que as condições econômicas – principalmente as relações de trabalho – determinam a condição de classe em si: uma trabalhadora assalariada doméstica pertence à classe trabalhadora por partilhar situações em comum e interesses em comum com outras trabalhadoras. Mas, para se transformar em uma classe para si, é preciso que essas trabalhadoras se organizem politicamente e tomem consciência de seu caráter de sujeito político.

Luta de classe

Para Marx, o conflito na sociedade está instituído por conta de como produzimos e reproduzimos as nossas necessidades vitais. É na exploração do trabalho que a economia capitalista se desenvolve e, por isso, há sempre conflitos em relação ao grau de exploração do trabalho. Essas lutas de classe podem ser mais ou menos conscientes e explícitas. De qualquer modo, são um componente político e econômico importante da transformação das sociedades.

Precariado

Ruy Braga define o precariado como o conjunto de trabalhadoras em situação de precariedade. O termo pode ser usado para se referir às pessoas que trabalham, mas que não têm direitos nem proteção social. Essa precariedade é algo intrínseco ao funcionamento normal do mercado de trabalho. Uma parcela significativa das atuais trabalhadoras vive em condições de degradação das condições de vida por conta de incertezas e vulnerabilidades. Elas são chamadas de precariado.

